

AS RELAÇÕES ENTRE O CAMPONES E OS SETORES COMERCIAIS NA REGIÃO DE PRESIDENTE PRUDENTE- SP.

Fátima Rotundo da Silveira
Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP- Presidente Prudente

1. INTRODUÇÃO

Com o aumento da produção industrial o mercado se amplia a cada dia.

Atualmente é quase impossível falar de qualquer atividade econômica que não esteja ligada a ele. Até mesmo o camponês que era visto como um produtor desvinculado do mercado, produzindo somente para subsistência, já que não pode mais ser visto sob esta ótica, pois se encontra subordinado às leis de mercado.

Esta subordinação ocorre tanto no que se refere ao consumo pessoal, quanto à atividade produtiva, pois, na medida em que a indústria doméstica vai desaparecendo, cada vez mais eles se dirigem à cidade para adquirir produtos que antes produziam.

É dentro deste circuito que se encontra o camponês da região de Presidente Prudente.

2. A PRODUÇÃO CAMPONESA E SUAS FORMAS DE COMERCIALIZAÇÃO

Na pesquisa efetuada na região de Presidente Prudente constatamos que, dentre todas as formas de produção camponesa existentes na área, como: proprietários, rendeiros, proprietários e rendeiros, parceiros, posseiros, assentados e reassentados, somente o camponês posseiro não produz para o mercado, e assim para a própria subsistência. Entretanto, encontra-se ligado ao mercado vendendo outra mercadoria, isto é, a sua força de trabalho.

Nas outras modalidades o que se observa é um camponês tentando sobreviver como camponês, se sujeitando cada vez mais às leis do mercado, produzindo produtos que ao mercado exige, melhorando a qualidade da produção, aumentando a produtividade, enfim, adotando vários mecanismos de sobrevivência.

Nesta região, nas pequenas unidades produtoras, predomina, milho, feijão, havendo um aumento crescente da produção de hortifrutigranjeiros, da criação de gado leiteiro e da sericicultura.

É importante salientar que as formas de comercialização da produção estão relacionadas ao tipo de produto produzindo.

O algodão é a cultura comercial mais importante na área, seguido do amendoim. Junto a estes produtos, através da utilização do sistema de rotação

de culturas, planta-se o milho e feijão, que geralmente são utilizados para o consumo.

O milho é muito utilizado na alimentação de animais. Geralmente a sua produção é maior em estabelecimentos onde a atividade agrícola desenvolve-se junto à criatória. O feijão é plantado o consumo e somente o excedente é comercialização.

É grande a presença de intermediários neste setor. São chamados de "picaretas", percorrem as propriedades e vão comprando a produção. O milho também é vendido para intermediários, para as granjas não existindo um sistema fixo de comercialização.

Os outros produtos são comercializados principalmente com firmas beneficiadoras, indústrias, cooperativas, CEASA (Companhia Estadual de Abastecimento de São Paulo), laticínios e outros.

Há na região a presença de indústrias multinacionais como: Sanbra, Braswey, Mac Fadden; Cooperativas como e de Cotia, laticínios e a CEASA, que não impede a participação de intermediários na comercialização destes produtos.

2.1. Indústrias e Máquinas de Beneficiamento

A figura do intermediário é constantes juntos apos pequenos produtores de algodão e amendoim, pois devido ao pequeno volume de produção, não conseguem negociar com as grandes indústrias. Ele comercializa com um grande número de pequenos produtores, de posse de um volume maior de mercadorias, negocia com as indústrias.

Há casos de intermediários que possuem a própria frota de caminhões. Na época da colheita negociam a produção de vários produtores de uma mesma área e passam recolhendo-a.

Às vezes é própria indústria que estipula aos intermediários o quanto necessita de determinado produto, cabendo a eles conseguí-lo.

Há acordos entre as firmas beneficiadoras e os intermediários.

No caso de uma indústria comprar acima de suas necessidades, negocia este excesso com os intermediários, que o repassam a outros compradores. O inverso também ocorre. Caso a indústria tenha conseguindo negociar além de suas necessidades, ela recorre a outros intermediários para supri-las, pois só negocia diretamente com os produtores de uma quantidade razoável de produtos.

A indústria possui seus fornecedores fixos. Cabe aos intermediários completar aquela parcela, que varia em função das exigências do mercado.

Verificamos que cerca de 30% de fornecimento das indústrias e máquinas de beneficiamento é feito por intermediários.

Os intermediários possuem também os seus fornecedores fixos; não raro, a alienação da produção começa antes de completar o processo produtivo.

Como os empréstimos bancários não são suficientes, os produtores recorrem a empréstimos dos seus compradores para suprir a necessidade de dinheiro, por ocasião da colheita.

Os intermediários surgem como avalistas dos pequenos produtores nos bancos.

Salienta-se aí uma estratégia para a detenção do controle da produção.

Há casos de produtores que, por falta de recursos ou quando o financiamento bancário não é suficiente, fazem empréstimos juntos às indústrias. Este financiamento se verifica por ocasião da colheita, a juros bancários.

Para o produtor conseguir esse aditamento exige-se avalista.

2.2. Cooperativa

As cooperativas também estão presentes na região. Entre elas destaca-se a de Cotia, que opera na compra de algodão, amendoim, cereais e também de produtos hortifrutigranjeiros.

Há filiais desta cooperativa em Presidente Prudente e Alvarez Machado.

Para ser tornar associado desta cooperativa é necessário ter anuência de um representante de núcleo, que é eleito pelos cooperados da regional. Cada regional possui seu representante de núcleo, cuja tarefa é ser relações públicas junto aos ordenadores de distrito, que são os representantes locais, de bairros ou municípios. São eles, geralmente, que apresentam os novos cooperados.

Os cooperados adquirem na cooperativa os insumos, recebe concessão de crédito, devendo entregar a produção total a esta entidade.

Existe ainda a Comissão Regional de Produção, formada por um representante de cada tipo de produto, eleito pelos produtores.

O objetivo da comissão é discutir as condições de investimento, custos e mercado de cada produto.

Um acompanhamento técnico desde o preparo do solo até a colheita é oferecido pela cooperativa, que projeta a produção por alqueire. Assim, estipula-se a previsão anual do cooperado, que deve entregar 100% de sua produção à cooperativa.

A comercialização é feita diretamente com a cooperativa; não há intermediários.

O preço pago é abaixo dos preços de mercado, devido aos encargos que ele possui. A vantagem para o produtor é o apoio técnico e a certeza da comercialização de sua produção.

Devido aos problemas enfrentados pelo pequeno produtor, tem havido um aumento crescente de cooperados de pequeno porte.

Na área estudada, a cooperativa recebe os seguintes produtos: algodão, café, maracujá, pinha, manga, soja, tomate, pimentão, ovos, amendoim e milho.

Pequenas cooperativas estão presentes na área. Muitas surgiram recentemente, refletindo a necessidade de os produtores não ficarem à mercê das oscilações de mercado para venderem os seus produtos; com isto, nas mãos dos compradores.

A cooperativa dá uma relativa margem de segurança a eles no que se refere à comercialização de sua produção.

2.3. Ceasa

O espaço físico onde funciona o Ceasa de Presidente Prudente pertence ao CEAGESP (Companhia Estadual de Aranzés do Estado de São Paulo), embora a administração esteja desvinculada do mesmo.

O Ceasa é um entreposto comercial, cabendo a ele classificar e dar a cotação de cada produto no mercado.

As transações comerciais são efetuadas em um pavilhão onde existem os boxes, que são arrendados em sua maioria por atacadistas, grandes comerciantes, isto é, intermediários e cooperativas.

Existe também alguns módulos que se encontram no centro do pavilhão, denominadas de "pedra". Este espaço é reservado aos pequenos produtores através do pagamento de taxas. Ali colocam seus produtos para serem comercializados. Também é grande o número de associações são isentas do pagamento de taxas e recebem a apoio da Secretaria da Agricultura e das Prefeituras Municipais.

No Ceasa são comercializados produtos hortifrutigranjeiros.

As grandes firmas possuem boxes, pois trabalham com um estoque maior e necessitam estocar maior e necessitam estocar produtos.

Geralmente estas firmas possuem compradores, que entram em contato com produtores da região para efetuarem a compra.

É comum os pequenos produtores, devido à falta de financiamento bancário, conseguir empréstimo das firmas atacadistas, aliantando assim sua produção antes dos final do processo produtivo. Geralmente, antes de iniciarem o plantio, entram em contato com os comerciantes e acertam as produtos perecíveis, se

não houver acordo prévio com os compradores, correm o risco de perder a produção.

Há cooperativas que possuem boxes no Ceasa, como é o caso da Cotia, que é a única firma que dá apoio técnico aos seus fornecedores, garantindo uma produção de melhor qualidade.

Os produtores da região de Presidente Prudente, que abastecem o Ceasa, são, na sua maioria, procedentes dos seguintes municípios: Presidente Prudente, Alvarez Machado, Presidente Bernades e Indiana.

Cerca de 70% dos fornecedores são de origem japonesa, seguindo os de ascendência italiana.

Há uma fato que merece destaque: devido à grande imigração de nisseis e sanseis da região, para o Japão, está aumentando o número de fornecedores de produtos hortifrutigranjeiros para o Ceasa. Estes produtores, até algum tempo atrás, se dedicavam ao plantio de algodão, milho e feijão.

As firmas existentes no Ceasa abastecem outros Ceasa, supermercados e feiras.

O Ceasa de Presidente Prudente fornece produtos para outros Estados, como: Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná, Rondônia, Para, além dos municípios da própria região.

2.4. Laticínios

Além da produção agrícola, muitos pequenos produtores desenvolvem atividade criatória, produzindo leite, cuja maior parte é vendida para os laticínios da região.

Entre eles destaca-se um laticínio que foi criado como uma cooperativa, que é a Cooperativa de Laticínios Vale do Parapanema. Ele surgiu da união de alguns produtores de leite, formando o capital inicial.

Para tornar-se associado é necessário a apresentação do talão de produtor e do contrato de arrendamento de pastagens, quando o produtor não possui terra.

Exigem-se dos associados cuidados especiais no ordenha, controle do gado leiteiro, com exames periódicos, e a entrega de toda a produção á cooperativa.

A cooperativa oferece e veterinário.

O preço pago pelo leite é estipulado pela Sunab e o pagamento é mensal.

A cooperativa fornece derivados do leite, além de produtos veterinários: ração, sais e outros produtos. Industrializa, também, parte do leite recebido, produzindo queijo e manteiga.

Pasteuriza e empacota mais ou menos 60% da produção recebida, industrializa cerca de 10% e o restante é resfriado e remetido “in natura” para a Cooperativa Central do Estado de São Paulo, sediada na Capital do Estado.

Organiza-se, regionalmente, com postos de recebimento e resfriamento de leite nas cidades de Presidente Venceslau, Santo Anastácio, Bataguassu e Presidente Bernardes.

Faz parte do quadro de associados mini, pequenos, médios e grandes produtores.

2.5. Bratac

As sericicultura é outra atividade que tem aumentado na região, principalmente nos projetos de assentamentos e reassentamentos rurais.

Para a criação do bicho da seda é necessário:

- 1) plantação de amoreiras
- 2) o bosque, que é o barracão onde os bichos são criados
- 3) as larvas, que são fornecidas pela empresa compradora da produção.

Na região a empresa Bratac monopoliza este setor. Além de fornecer a larva, dá assistência técnica, vende os bosques e compra os casulos.

Na maior parte de vezes, os criadores do bicho da seda iniciam a produção endividados com esta empresa.

3. CONSIDERAÇÕES

Como pode ser observado, a pequena produção familiar ou camponesa, na região, encontra-se subordinada de diferentes formas aos setores capitalistas, como fornecedoras de produtos e matérias primas.

Esta subordinação torna-se cada vez maior, na medida em que os camponeses não conseguem acumular renda, e a cada ciclo produtivo têm que recorrer a estes setores para financiar sua produção alienando-a, desta maneira, desde o início do processo produtivo.